

OBSTÁCULOS À PRODUTIVIDADE CIENTÍFICA DE PROFESSORAS UNIVERSITÁRIAS DA ÁREA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

Adolfo Alonso-Arroyo

Universitat de València

Facultat de Medicina i Odontologia

Departament d'Història de la Ciència i Documentació

Espanha

Esperanza Gómez-Guardeño

Universitat de València

Facultat de Ciències Socials

Departament de Sociologia i Antropologia Social

Espanha

María Eugenia González-Sanjuán

Universitat de València

Facultat de Ciències Socials

Departament de Sociologia i Antropologia Social

Espanha

Rafaél Aleixandre-Benavent

Unidad de Información e Investigación Social y Sanitaria (UISYS)

Universitat de València

Espanha

RESUMO

Descobrir as características associadas à vida pessoal e profissional de professoras universitárias, da área de Ciências da Saúde na Comunidade Valenciana, durante o quinquênio 2003-2007, que contribuem para uma maior ou menor produtividade científica foi o objetivo deste trabalho. Foram entrevistadas em profundidade 30 (trinta) professoras de idades compreendidas entre os 30 e 60 anos, com o propósito de determinar os fatores que dificultam a produtividade. As professoras menos produtivas encontram maiores dificuldades para publicar artigos científicos. Representam obstáculos: os problemas de trabalho, a dificuldade para obter projetos científicos e publicar em certas revistas, para conciliar docência e pesquisa, o trabalho assistencial em um hospital, a maternidade e os filhos. Embora os dois grupos de grandes e pequenas produtoras apontem os mesmos problemas em sua vida laboral e pessoal, são percebidas maiores dificuldades no grupo das menos produtivas. A maioria propõe o mesmo tipo de solução para diminuir a distância de gênero.

Palavras-Chave: Produtividade Científica; Artigos Científicos; Professoras Universitárias; Ciências da Saúde; Dificuldades e Obstáculos; Estudos de Gênero.

1 INTRODUÇÃO

A progressiva incorporação das mulheres ao mercado de trabalho é, sem dúvida, um dos fatos mais proeminentes que a sociedade espanhola protagonizou nas últimas décadas. Sua inserção, no entanto, além de não liberá-las do trabalho doméstico e das obrigações familiares, foi acompanhada de numerosas diferenças e/ou desigualdades por sexo.

A segregação horizontal ou ocupacional é inegável: as mulheres se localizam preferentemente em determinadas ocupações¹. A segregação vertical ou por categorias profissionais coloca as mulheres em uma posição claramente desfavorável, ainda mais quando se observa que não parecem ser os níveis de formação os únicos que marcam as diferenças no acesso a determinadas categorias laborais (ARRANZ, 2004, p.225). Esta dupla segregação ou discriminação é refletida pelas estatísticas sobre a educação na Espanha, pois mesmo se tratando de um setor laboral feminino, a participação das mulheres se reduz conforme aumenta o nível de ensino. Atualmente, além de as mulheres representarem apenas 37% dos professores universitários espanhóis (GUIL, 2005; GARCÍA DE LEÓN, 2007, p.263), porquanto ascendem menos, elas possuem menor peso nos cargos de maior responsabilidade hierárquica ou de poder dentro da instituição universitária e representam piores cifras nos indicadores de produção científica (BALLARIN *et al.*, 1995; ORTIZ *et al.*, 1998; 2000).

Diante da situação de discriminação da população feminina, a Direção Geral de Pesquisa da União Europeia, por meio do *Expert Working Group on Women and Science* (ETAN) [Grupo de Trabalho Especializado sobre Mulheres e Ciência] que elaborou um relatório, no qual se analisava a situação das mulheres nesse âmbito e se realizava toda uma série de recomendações para promover a igualdade de gênero. Na Espanha, a preocupação governamental de favorecer a igualdade de gênero no âmbito científico tem como um dos feitos mais importantes a criação, em 2005, de um organismo específico vinculado ao Ministério da Educação, a *Unidad de Mujeres y Ciencia* (UMYC) [Unidade de Mulheres e Ciência], cuja missão é favorecer a incorporação das mulheres, em condições de igualdade, ao sistema científico e tecnológico espanhol.

Não se trata de adotar medidas somente por razões de equidade, opondo-se a isso aquelas circunstâncias que se tornam obstáculos à profissionalização das mulheres e à sua promoção na academia e pesquisa (FUNDACIÓN..., 2005), mas também de adotar medidas por razões de competitividade econômica (e não perder o importante potencial científico que representam) e de neutralidade científica.

Para evitar a perda de produção científica das mulheres, diferentes países adotaram políticas de discriminação positiva compatíveis com uma adequada política científica, que seja baseada em critérios de mérito e excelência acadêmica. Na Espanha, o anterior Ministério da Educação e Ciência colocou em prática a medida de priorizar os grupos de pesquisa que incorporassem mais mulheres ou que fossem liderados por mulheres, com igualdade de méritos científicos, e sempre que os projetos superassem um padrão mínimo de qualidade acadêmica (QUINTANILLA, 2008). Em relação à neutralidade científica, as análises realizadas, desde a perspectiva de gênero, demonstram que o sistema patriarcal legou um modelo de cultura androcêntrica ou de domínio da visão masculina sobre o conhecimento e a produção da realidade (FLECHA, 1999, p.239-240).

Das diferentes disciplinas científicas, as Ciências da Saúde representam um caso paradigmático, especialmente a Medicina, por haver desenvolvido ao longo de séculos de história a identidade profissional masculina (ÁLVAREZ, 1988; ORTIZ, 2006a; 2006b). O monopólio dos homens supôs a construção de um saber médico dominado pela orientação de gênero, não só por ter-se sustentado no modelo biológico masculino (VALLS, 2001), mas também por desvalorizar determinados resultados ou sintomas, porque foram expressos por mulheres.

O certo é que apesar de há mais de três décadas a presença feminina ser majoritária nas aulas das faculdades e escolas de Ciências da Saúde, na Espanha, as mulheres estão subrepresentadas na atividade acadêmica e científica. O denominado 'teto de cristal' ou conjunto mais ou menos sutil, mas poderoso, de barreiras de acesso das mulheres às posições-chave na academia e pesquisa, é especialmente chamativo na Ciência Médica (PÉREZ; ALCALÁ, 2006).

A avaliação da situação das mulheres no âmbito das Ciências da Saúde encontra uma dificuldade referente à ausência de dados confiáveis, acessíveis, harmoniosos e separados por sexo e níveis profissionais. Uma forma de conhecer a

participação feminina nas atividades científicas é mediante a realização de estudos bibliométricos separados por sexo (BORDONS *et al.*, 2003; MAULEÓN; BORDONS, 2006; GONZÁLEZ *et al.*, 2007). Esses estudos constituem um dos pilares básicos para se aprofundar as desigualdades de gênero no sistema científico e tecnológico, já que proporcionam uma informação objetiva imprescindível para estabelecer as bases de uma política científica de promoção de pesquisadoras. O outro pilar fundamental consiste em situar-se na vida das mulheres para descobrir suas atividades e interesses na produção de conhecimento científico. Mediante o presente estudo, pretende-se conhecer os obstáculos e as dificuldades que as professoras universitárias encontram na área de Ciências da Saúde da Comunidade Valenciana, durante o quinquênio 2003-2007, e que repercutem em uma maior ou menor produtividade.

Ao situar-nos na perspectiva dos sujeitos, tanto das mulheres como dos homens, pode-se formular vários tipos de argumentos para explicar a assimetria ou discriminação de gênero (ARRANZ, 2004).

- 1 A discriminação das mulheres na universidade é uma questão que tenderá a ser superada pelo porvir da evolução social. Toda transformação social é lenta, e é preciso esperar.
- 2 As desigualdades de gênero na comunidade universitária são um produto da preparação intelectual maior dos homens, aos quais a sociedade oferece mais possibilidades. Em uma sociedade meritocrática, em que ambos os sexos têm as mesmas oportunidades, a desigualdade desaparecerá, se os esforços educativos de homens e mulheres forem equiparados.
- 3 A hegemonia masculina na universidade se deve ao fato de as mulheres priorizarem seus papéis femininos ao invés de sua carreira acadêmica. O dilema de muitas mulheres é que, se seguem os padrões de gêneros, não podem competir com os homens, enquanto que se alcançam reconhecimento profissional, podem errar no desempenho de alguns papéis atribuídos a elas.
- 4 O domínio masculino sobre o conhecimento e a prática científica, e os mecanismos femininos de submissão, produto da subjetividade

construída sob os mandos de gênero, são os fatores que determinam as desigualdades por sexo.

- 5 As professoras dedicam mais tempo que os professores a docência, o que implica a lógica redução de sua produção científica. Até hoje, a divisão sexual do trabalho também hierarquiza a docência e a pesquisa, e embora ambas as atividades façam parte das tarefas dos acadêmicos, a docência é menos reconhecida (IZQUIERDO, 2008).
- 6 No mundo acadêmico e científico, as mulheres encontram mais barreiras que os homens, porque o 'efeito gênero' intervém. Elas devem fazer mais para ser consideradas equivalentes.
- 7 Escutar a voz de professoras universitárias das Ciências da Saúde, na Comunidade Valenciana, permitirá que conheçamos qual é o discurso predominante, embora talvez os discursos não estejam tão nitidamente diferenciados como aqui foram expostos. A julgar pelas pesquisas que exploraram as percepções dos docentes e pesquisadores na Espanha, os professores universitários têm uma clara consciência das situações de discriminação das mulheres na ciência e tecnologia, consciência que é mais aguçada no caso das professoras. Mas são as pesquisas extra acadêmicas que apresentam um maior grau de conhecimento sobre as condicionantes de gênero que atuam como obstáculos para o reconhecimento e o prestígio das mulheres no trabalho científico, entre elas: heteronímia feminina, dupla jornada, trabalho invisível ou responsabilidades familiares e domésticas² (SANTAMARÍA, 2001). Também se constatou que, embora a maioria das professoras se auto reconheça como coletivo, com igual ou maior valor que seus companheiros homens (melhores em preparação acadêmica, dedicação ou capacidade organizativa), as docentes manifestam que sua situação social e universitária é mais negativa que a deles (menor apoio por parte do departamento, menores possibilidades de promoção, maiores obrigações familiares etc.) (ARRANZ, 2001).

2 METODOLOGIA

O estudo se baseia em uma análise de 30 (trinta) entrevistas em profundidade, realizadas seguindo o método de História de Vida, com professoras universitárias da área de Ciências da Saúde, na Comunidade Valenciana. A seleção da amostra foi realizada a partir de uma base de dados gerada, em que aparece o sexo dos autores e autoras de artigos do escopo da área das Ciências da Saúde, produzidos por universidades da Comunidade Valenciana e inseridos nas bases de dados *SCI-Expanded/Science*, *Citation Index Expanded* e *IME/Índice Médico Espanhol*, ao longo do período de 2003-2007.

Entrevistaram-se 15 (quinze) produtoras (que tenham escrito 10 (dez) ou mais artigos científicos) e 15 (quinze) pequenas produtoras (professoras que tenham publicado menos de 10 (dez) artigos). As entrevistadas tinham idade compreendida entre 30 (trinta) e 60 (sessenta) anos. Foram entrevistadas 18 (dezoito) professoras titulares, 7 (sete) contratadas, 4 (quatro) associadas, 2 (duas) doutoras contratadas, 1 (uma) com contrato de pesquisa e 5 (cinco) catedráticas. As entrevistas tiveram uma duração média de 1 (uma) hora e 30 (trinta) minutos. Várias pessoas se negaram a participar do estudo, por encontrar-se com uma grande carga de trabalho. Em um caso foi solicitado para que se parasse a gravação durante a entrevista, para a docente poder falar de forma mais aberta sobre o passado pessoal, acadêmico e os conflitos vividos em nível departamental.

Para programar as entrevistas, as professoras foram contatadas por *e-mail* e por telefone. Explicou-se a elas o objetivo que se pretendia alcançar com o estudo, a metodologia que seria seguida e a duração das entrevistas. Também se enfatizou a confidencialidade das mesmas, ademais, que existia a possibilidade de serem feitas perguntas e de serem esclarecidas as dúvidas. Posteriormente, a entrevistadora se dirigiu aos diferentes câmpus das universidades em que se encontravam as professoras (*Universidad Jaume I de Castellón*, *Universidad Miguel Hernández de Elche*, *Universidad de Alicante*, *Universidad Politécnica de Valencia* e *Universitat de València*).

Na maioria dos casos, a entrevista aconteceu na sala de trabalho das professoras entrevistadas. Perguntou-se sobre o contexto social em que nasceram,

a trajetória acadêmica e profissional, a relação que estabelecem com colegas de profissão, apoios para a publicação de artigos e realização de projetos de pesquisa e os obstáculos que influem negativamente na produtividade.

As entrevistas transcorreram segundo um roteiro estabelecido. Todas foram gravadas e transcritas. Posteriormente, foram codificadas em categorias e subcategorias, conforme as linhas principais do roteiro de História de Vida. A análise foi realizada utilizando-se o programa informático *Atlas.ti*.

3 RESULTADOS

3.1 Contextualização

Todas as professoras universitárias, com 10 (dez) ou mais artigos científicos, procedem de uma situação familiar bastante estável, em que contaram com o apoio familiar, tanto econômico quanto moral, para estudar e fazer a carreira universitária. A maioria advém de famílias de classe alta ou média alta, em alguns casos os pais eram proprietários de empresas ou tinham formação superior.

Quanto a situação familiar própria, muitas delas são casadas e têm filhos, sendo uma média de 2 (dois) filhos por mulher. Dessas professoras, cabe destacar que algumas são casadas com a qual trabalham conjuntamente no mesmo departamento ou projeto de pesquisa. Os maridos são professores titulares ou catedráticos e, em um caso, é pesquisador. Trabalhar na mesma área de conhecimento ou no contexto da universidade é um aspecto comum para quase todas as entrevistadas. Formam um grupo mais reduzido as professoras com união estável. São também minoria as solteiras e divorciadas. Não obstante, não ter um relacionamento sentimental estável não foi um impedimento na hora de formar uma família, já que algumas mulheres entrevistadas recorreram à adoção.

É um aspecto comum, para algumas das professoras mais produtivas, compartilhar a tarefa de pesquisa com o marido ou companheiro amoroso. Como relata a seguir uma das entrevistadas, esse fato teve um duplo objetivo. Por um lado, relaciona-se a ideia de às mulheres liberarem-se da misoginia e, por outro, relaciona-se a ideia de obter certo nível de produtividade:

Em toda esta história existe uma informação que não te disse e fiz isso de propósito, e que vou te dizer agora e é que, eehh, meu marido, ele é titular neste departamento também, certo?; mas, ele se dedica ao trabalho assistencial, principalmente, ok, ou seja ao hospital, tem um cargo vinculado à docência e ao hospital, ok, então, eeehh, esta é minha opinião, pode ser muito diferente, mas, eeehh, ele a parte de pesquisa, em grande medida, deixou sob minha coordenação, certo, e então, eeehh, destes projetos, destas quatro pessoas [...] nesta rede, o, o nó do departamento, eee, e portanto, a, o pesquisador principal [...] desse nó [...] é meu marido, certo?; então, aqui temos duas contratadas e depois as outras duas estão uma com um projeto de, meu de pesquisa [...] e outra pessoa que temos por uma ação transversal de, relacionada com esta rede [...] Então na verdade eu as coordeno e estão trabalhando sob minha direção obviamente, mas, eu acredito que aí me liberei da misoginia por intermédio de meu marido, claramente (Violeta).

Os maridos de algumas delas trabalham no âmbito acadêmico, dedicando-se à pesquisa ou docência, mas não fazem parte da mesma equipe de pesquisa e, muito menos, se encontram trabalhando no mesmo departamento universitário. Os companheiros de outras entrevistadas exercem sua profissão na área de Ciências da Saúde, são médicos, ou fazem um trabalho completamente diferente do delas. Há nesse grupo 3 (três) solteiras sem filhos, 1 (uma) separada e 1 (uma) viúva com 3 (três) e 2 (dois) filhos, respectivamente.

3.2 Estudos

Muitas professoras universitárias com 10 (dez) ou mais artigos científicos se formaram em faculdades privadas. Na maioria dos casos foram os pais que pagaram os estudos e a moradia até terminarem a universidade. Excepcionalmente, aparece o recurso de bolsa de estudos como forma de financiamento. A maioria delas apenas trabalhou durante os verões dando aulas particulares. Quando são questionadas sobre matérias preferidas durante seus estudos, todas reiteram o interesse por Ciências, História e História da Arte. No entanto, as motivações que lhes fizeram escolher sua carreira são díspares: porque gostavam, para poder sair de Valência, por influência dos pais ou parentes, porque queriam dedicar-se à pesquisa, porque percebiam demanda, por vocação ou porque escolheram sem saber muito bem do que se tratava. Exatamente as mesmas características são

encontradas no caso das professoras universitárias com menos de 10 (dez) artigos científicos.

Uma vez finalizados os estudos, a nota de corte do histórico acadêmico varia entre as grandes e pequenas produtoras. Quase todas tiveram vinculação direta, uma vez concluída a licenciatura, com a universidade; seja através de bolsa de colaboração, pesquisa ou trabalhos administrativos. Ao mesmo tempo, conciliaram esse trabalho com os estudos de doutorado. A evolução é similar para todas as professoras, que acabaram passando por diferentes bolsas ou contratos temporais para exercer a docência, até que conseguiram um cargo mais estável como docente ou pesquisadora.

Em relação aos apoios profissionais que as professoras mais produtivas tiveram quando começaram a trajetória acadêmica, uma das entrevistadas manifesta ter vivido uma relação difícil com seus colegas ou chefes, destacando a existência de uma estrutura piramidal complicada; outras reconhecem que a relação com o orientador de doutorado foi boa, e a minoria afirmam ter se relacionado bem com os colegas de trabalho. A situação é similar no caso das professoras menos produtivas, já que praticamente a metade destaca que o respaldo recebido do orientador ou chefe foi bom. As demais indicaram não estarem satisfeitas com a orientação que recebeu enquanto realizava o doutorado.

A metade das professoras, tanto grandes quanto pequenas produtoras, participou de projetos de pesquisa durante os estudos de doutorado. No entanto, as professoras mais produtivas, no momento atual, são as que nesse período de tempo publicaram mais, publicando duas vezes mais que as menos produtivas. Em média, as professoras com maior número de artigos contavam, no momento da publicação da tese, com 7 (sete) documentos cada uma. As professoras menos produtivas, com 3 (três).

3.3 Carreira Profissional e Obstáculos para a Produtividade

A maioria das professoras, tanto as mais produtivas quanto as menos produtivas, afirmaram que receberam apoio econômico e moral dos pais ou

companheiros amorosos ao longo da carreira profissional. Podemos ver isso refletido no seguinte testemunho de uma delas:

Depende muito das facilidades que tenham tido no meio, porque, porque, se uma mulher se casasse com um marido diferente não teria conseguido, eu acredito que não teria conseguido dizer a ele, adeus, vou embora para Paris, nem teria conseguido dizer a ele, escuta, que, como muitas vezes lhe digo, pois faça você a comida porque eu até às cinco não chegarei, claro (Silvia).

Apesar desses apoios fundamentais em nível pessoal, são diferentes e variadas as dificuldades com as quais muitas das professoras se deparam na atualidade. Coincidem ambos os grupos no que se refere aos tipos de obstáculo, mas se detectam mais problemas no grupo das docentes menos produtivas (Tabela 1).

Tabela 1: Fatores que dificultam a produtividade científica.

Fatores	Professoras > 10 Artigos	Professoras < 10 Artigos
Maternidade e filhos	1	3
Trabalho assistencial em um hospital	1	3
Conciliar docência e pesquisa	2	3
Dificuldade para obter projetos científicos e publicar em certas revistas	1	5
Problemas laborais (muita carga de trabalho, estrutura hierárquica encabeçada por um homem ou ambiente ruim que resultou em doença)	5	5

Há entrevistadas que reconhecem que ser mãe e ter filhos é uma dificuldade a mais, que é intrínseca à condição de ser mulher. Como por exemplo, o que diz a seguinte professora:

Portanto existe, em, em meu currículo você verá que existem umas lacunas enormes que coincidem com os filhos, com os filhos e coincidem com a superação de, de meus contratemplos um pouco, separações, existem, então, sobre isso me perguntaram às vezes em algum concurso, escuta, como é que existem, pois veja bem, é que sou uma mulher, tenho filhos e me separei e tive que refazer a casa. Porque, quando me separava ia embora com meu carro, a criança e o cachorro e o brinquedo, ou seja, ia embora e ia montar uma casa nova (Rosario).

Por outra parte, surge a dificuldade para conciliar docência, pesquisa e trabalho assistencial. O seguinte exemplo é o de uma profissional com mais de 10 (dez) artigos, que começou sua atividade assistencial em um hospital, ao mesmo tempo, em que realizava a tese de doutorado. A entrevistada reconheceu a dificuldade de conciliar as 3 (três) tarefas e propôs que a avaliação da pesquisa, dos profissionais que se dedicam ao trabalho assistencial, deveria ser diferente à qual se aplica com docentes ou pesquisadores básicos:

Bom, sempre dissemos o mesmo, que nós assistencialistas, nós devemos ser avaliados de muitas formas, melhor seria se não fosse no nível do pesquisador, porque não chegamos ao nível do pesquisador básico, e você está em uma pesquisa aplicada, dando assistência aos pacientes, e digamos que aí, deveria haver outra forma de avaliação para nós docentes que nos dedicamos à assistência, que é outro grupo completamente diferente, o básico que se dedica apenas à docência é um, é avaliado por umas medidas e por uns critérios, e nós que nos dedicamos à assistência sanitária, ao paciente, somos avaliados da mesma forma, quanto a critérios de pesquisa, e isso não tem nada a ver (Fernanda).

Este protesto também aconteceu com as professoras que têm menos de 10 (dez) artigos, as quais apontam como fator que impacta a produtividade, o trabalho assistencial em um hospital.

Ademais, existem mulheres que afirmam que é difícil dedicar-se à docência e, ao mesmo tempo, ser uma professora muito produtiva. Como indica a seguinte entrevistada, se a universidade quer ter bons docentes, não se pode nem se deve exigir o mesmo de uma pesquisadora e de uma professora e pesquisadora:

Tenho que preparar a aula que tenho que dar. Eeehh, isso limita ou não limita meu tempo de pesquisa? Se comparo com meus dez anos anteriores, é lógico. E mais, para mim é óbvio, não se pode, nem se deve me exigir a produtividade que eu tinha antes. Não é justo, se querem ter um docente como bem entendem. Porque, por isso é que não os têm, os docentes que deveriam ter, por consentirem a não dedicação docente. E você está falando com alguém que não era um docente (Juana).

O número de anos dedicados à docência e pesquisa não é um fator que afeta a maior ou menor produtividade. Em cada grupo, de grandes e pequenas produtoras, foram contabilizadas professoras que, desde a publicação de tese de doutorado, trabalharam durante 20 (vinte) anos ou mais, algumas, entre 10 (dez) e 20 (vinte) anos, e outras, menos de 10 (dez) anos. Isso constata que há professoras

que, trabalhando durante um curto período de tempo, resultaram ser muito produtivas.

No entanto, encontram mais obstáculos às mulheres menos produtivas do que às mais produtivas, destacando-se as dificuldades de se obter projetos científicos ou de se publicar em certas revistas. Há professoras que consideram que, dentro da área em que trabalham, é mais complicado publicar artigos que em outros campos temáticos.

As professoras mais produtivas, exceto as mais jovens, contam com mais de 50 (cinquenta) artigos cada uma delas. As menos produtivas, em geral, não passam dos 30 (trinta). Do mesmo modo, sua participação em projetos de pesquisa é menor que a das professoras com maior número de artigos. A diferença principal é que as docentes mais produtivas fazem parte de equipes de pesquisa mais numerosas, com bolsistas que elas mesmas coordenam em colaboração com seus companheiros ou outros colegas. Ao mesmo tempo, não pararam de participar de novos projetos. Ao contrário, as menos produtivas desistiram dessa tarefa por considerá-la muito difícil ou julgarem que não valia a pena:

Pela dificuldade, pela dificuldade, que isso, que isso implica, o grande esforço que você tem que fazer para, depois não se sente recompensada de forma alguma, então, não, ou seja, não, briguei muito, eu, eu, você tem que trabalhar muitíssimo, muitíssimo esforço e depois não se sente recompensado de forma alguma, nem em nível pessoal, nem nível, nem em nível econômico. Então, não. Supõe um grande esforço o de apresentar trabalhos de pesquisa, o, o, o de elaborar todo o projeto, e depois não os aprovam, e se em algum caso aprovam, depois acontece de você estar trabalhando, vencendo as dificuldades, indo contra a maré em muitos casos e depois resulta que a recompensa é mínima pelo esforço que você faz, e não, não (Estela).

Quando questionadas sobre os cargos de gestão que ocuparam, as professoras de ambos os grupos exerceram algum cargo como decana, vice-reitora, secretária ou diretora de departamento, sendo muito mais numerosas as responsabilidades assumidas pelas mais produtivas do que pelas que são menos. As professoras mais produtivas aparecem, além de estarem executando essas tarefas, realizando outras funções em comissões, comitês, coordenando cursos de mestrado, trabalhando em outros organismos oficiais como a *La Agencia Nacional de Evaluación de la Calidad y Acreditación* (ANECA) ou presidindo associações.

Por outro lado, não é um indicador muito relevante o tipo de categoria profissional a que chegaram, pois encontramos de tudo em ambos os grupos, embora seja certo que é maior o número de catedráticas no grupo de professoras com mais publicações. Dessa forma, existem 4 (quatro) catedráticas no grupo das mais produtivas e tão somente 1 (uma) no grupo das profissionais com menos artigos. A continuação, relata-se o episódio sobre clima ruim no trabalho vivenciado por essa última catedrática e que prejudicou sua produtividade:

Eu acredito, que somente, uumm, por trabalhar, eh, por estar, por fazê-lo bem, por ter certa, uummm, uumm, certa fama, não, de boa professora, enfim, isto fodeu meus, muitos de meus colegas e quando eu fui, em um momento determinado, depois de vice-reitora, estava como diretora de departamento, o diretor de departamento tinha pedido um período sabático que não chegava a um ano e seis meses, e então, eu depois de ser vice-reitora, nunca tinha pensado em ser diretora de departamento, e muito menos como este, o que acontece é, que era apenas durante o tempo que lhe faltava ao diretor para acabar seu mandato, e então, umm, bom, pois me pediu [...] as primeiras coisas que disse foi que não me importava nada se roubavam bancos fora do horário laboral, mas, tinham que cumprir, ee em pouco tempo, pouco, eh, como diretora de departamento, eh, eeeh, estiveram de atestado praticamente em dias consecutivos, três professoras titulares, por doença, sem comunicação aqui, apenas na universidade, três, essas professoras, logo denunciaram por assédio moral, e estive sendo denunciada por assédio no trabalho por dois anos. Motivo pelo qual, estou decepcionada com a universidade, sim [...] (Constanza).

Esta complicada situação, que em alguns casos derivou em problemas graves de saúde, também acontece com outras profissionais, tanto com o grupo das mais produtivas quanto com o das menos produtivas. Todas elas pensam que o ambiente ruim no trabalho não é o mais propício para se ter uma boa produtividade. Muitas entrevistadas de ambos os grupos vivenciaram hostilidades, relações ruins, decepções, conflitos e foram enganadas por colegas de trabalho. Fala-se inclusive de maus tratos e *moving* laboral.

O que é relatado à continuação demonstra que trabalhar e querer ser boa profissional, nem sempre é bem visto pelas pessoas que nos cercam. Prejudicar mediante maus tratos psicológico ou físico, para evitar que uma pessoa avance é algo real que existe em alguns departamentos e grupos de trabalho:

O problema é que não tivemos facilidades porque meu marido, quando eu venho, pois, resulta que, começam a dar-lhe prêmios, prêmio pela melhor tese de doutorado, prêmio pela melhor comunicação, prêmio pela, pelo melhor trabalho e então já no departamento, já começam, como não

podiam atacar ele, começam a me atacar, e então não me deixavam entrar no departamento até que tivesse alguém, não me deixavam usar o computador, não me deixavam usar os livros, não podia usar o telefone, e começavam a dizer que claro, que sempre se tinha levado um ritmo de trabalho em Valência, e que esse ritmo de trabalho eu o estava rompendo e estava deixando mal meus colegas, e claro eu vinha da Universidade de Granada, de um padrão supercompetitivo que tinha feito eu trabalhar muitíssimo, e eu, eu gostava de meu trabalho, eu estava aqui porque eu gostava [...] Sabe o que é ir ali e não te deixarem entrar?; você não entra, você não pode, e estar no computador e te darem um cascudo na cabeça, e te baterem, eh, te baterem, mas fisicamente te darem um cascudo, saia já daqui, já está bem, não sei, e assim, bom, e assim muitas coisas, te insultarem nas reuniões de departamento, bom [...] (Clarisa).

Em outras ocasiões se fala de uma estrutura muito hierárquica, liderada pelo catedrático do momento. A seguinte entrevistada relata as dificuldades para poder publicar, chegar a ser catedrática e trabalhar em cargos de gestão em um mundo endógeno, em que predominam os favoritismos:

Eu começo a publicar quando chego a ter absoluta independência, e quando chego a ter absoluta independência é quando sou titular. Ou seja, antes, era muito difícil porque me impediam a utilização dos laboratórios, eh, e eu tinha todo o P.A.S. contra, eh, ou a favor do catedrático, ou seja não contra mim, suponho que não, mas obviamente não faziam nada [...] Eu cheguei aqui para trabalhar, cheguei a vir em uma véspera de Ano Novo porque uma P.A.S. me disse esse dia posso te ajudar porque não vão nos apanhar, porque não vai vir ninguém [...] Ocupam os cargos os antigos catedráticos de início, votavam e controlavam o voto. Vamos ver, no mundo endógeno da faculdade de Medicina e de Direito, endógeno não era apenas porque metiam seus filhos, porque em meu departamento cheguei a ter cinco membros da família dentro do Conselho de Departamento, eh, era endógeno porque se colocava a quem digitalmente se queria colocar, portanto, todas essas pessoas que deviam seu cargo ao catedrático eram votos confirmados para a eleição. Então era impossível eliminar isso (Constanza).

O outro caso é o de uma catedrática, das professoras mais produtivas, que chegou a um limite de saturação no trabalho. Trata-se de uma mulher divorciada e com 2 (dois) filhos, muito independente, que criou sozinha seu próprio grupo de pesquisa e possui mais de 6 (seis) bolsistas a sua disposição. No entanto, diz que seu grande ritmo de trabalho é o que a levou a cair em uma forte depressão, que paralisou sua trajetória científica. Comentou o seguinte:

Eu gosto, ou eu gostava. Estou um pouco cansada. Estou um pouco esgotada, estou um pouco perdendo a motivação porque eu acredito que foi também muito esforço. Então chega um momento que digo, olha, tenho cinquenta e dois anos, eeeh, eu gostaria, eu é que sei, de chegar a minha

casa às seis, é que eu vou à academia das nove às dez da noite. Eu gostaria de ir à academia na hora normal ou ir hoje pela tarde. Olha são cinco, que tarde mais boa, eu dar um passeio pela praia, entende?; eu gostaria de viver um pouco a vida, porque não me deu tempo de vivê-la (Azucena).

3.3 Outros Aspectos a Considerar

Todas as entrevistadas têm uma empregada doméstica que é encarregada de realizar as tarefas de suas casas e de cuidar de seus filhos. Esse é um fator fundamental que as liberou das obrigações familiares. Pode-se falar, portanto, de mulheres privilegiadas que concentram toda a sua energia em uma só tarefa, o trabalho como docente e pesquisadora. Por esse motivo, são somente 4 (quatro) as mulheres que consideram a maternidade e os filhos como um obstáculo para produzir artigos.

Por outro lado, muitas entrevistadas mais produtivas fazem um horário de 9 (nove) horas diárias ou mais. No entanto, a metade das professoras menos produtivas cumpre um horário só pelas manhãs. Isso permite entrever uma maior dedicação ao trabalho das professoras com maior número de artigos. Esse fator tempo também repercute em maior ou menor dedicação familiar. As professoras com menos de 10 (dez) artigos empregaram mais horas na convivência com os seus filhos. Algumas delas destacam a angústia vivida com a impossibilidade de estar com eles e com a renúncia de ter mais filhos, porque não podiam dedicar-se a eles todo o tempo que queriam. Uma entrevistada relaciona essa ideia com o fator gênero e destaca que essa sensação é inata à mulher, questionando se um homem pode entregar-se em igualdade de condições aos cuidados dos filhos e da casa:

Por mais que queiramos a igualdade, eh, isso é algo, que não vamos conseguir jamais, os pais saem, tranquilamente, eee, o pai de minha filha, posso te dizer que é um pai excepcional, nunca lhe passou pela cabeça ter ele que ficar. Suponho que agora de tanto insistir-lhes, pois ao final dizem, ou faço ou brigo, mas, não acredito que seja algo, não acredito que nasça neles, não posso acreditar nisso porque é uma coisa que levamos, não sei em qual gene estará, mas isso está aí, então, eu, minha angústia, deixar minha filha, isso eu não acredito que acontece com nenhum homem, sabe, não acredito, não acredito nisso (Sílvia).

A continuação resgataram-se algumas frases interessantes das professoras mais produtivas, em que fica evidente que suas vidas foram centradas no trabalho:

Nunca acreditei que a quantidade de horas fosse um fator importante na relação com os filhos, senão a qualidade, a única coisa que sim tentei é que quando um filho meu necessitava de mim, bom, nesse caso meu filho foi o primeiro, mas eu não considere necessário chegar em casa às cinco porque meu filho me necessite (Faustina).

Dedicamos muitíssimas horas, muitas, muitas horas à pesquisa, muitas e agora, eehh, acho que até demasiadas, porque, por exemplo, o horário de volta a casa oito, oito e meia, você chegava, os deveres de seus filhos, as jantas [...] mas nestes momentos penso, bom, bom talvez eu lhes tirei algumas horas que eram deles (Violeta).

A lembrança de meus filhos quando pequenos é praticamente todos os fins de semana na faculdade, mudando 'moscas de garrafas' (Teodora).

Em ambos os grupos apareceu uma dupla moral que lhes faz sofrer constantemente. Quando estão com seus filhos pensam que teriam que estar trabalhando. E quando estão trabalhando que deveriam estar com seus filhos. As citações das duas entrevistadas que aparecem a seguir indicam um sentimento de culpa.

Fala de uma professora com mais de 10 (dez) artigos científicos:

Tendo a sensação de que tudo você fazia mal, porque eu é que sei, e ainda as crianças levavam dezenove meses, eee, é complicado, mas bom, logo abandonando, não fazendo cem por cento como você quer nenhuma das duas coisas, mas bom, dormindo pouco, indo na correria a todas as partes, ee, um pouco como todas, como todas as mães, eu acho que todas temos o sentimento desse de culpa, de que às vezes você deixa as crianças que estão mal em casa, ee, outras vezes de que você não fez o experimento que tinha que fazer porque te levava dez horas e você não podia estar mais de sete, ou coisas assim, enfim (Marina).

Fala de uma professora com menos de 10 (dez) artigos científicos:

Isso é uma coisa que me lembro que me disse uma garota francesa, que me disse: você vai ter sempre, me disse, como todas nós temos o sentimento de culpabilidade. Disse, quando você está em sua casa é, é, você se sente culpada porque não está trabalhando e quando está trabalhando você se sente culpada porque não está em sua casa. E é verdade, por toda a vida, por toda a vida me lembrei daquilo (Aida).

As professoras de ambos os grupos receberam apoio, independente de ter sido de companheiras ou companheiros. Todas elas dizem que não existem diferenças na hora de produzir entre homens e mulheres, ou seja, com trabalho e dedicação, os dois estão em igualdade de condições para poder produzir artigos

científicos. Não pensam, portanto, que o homem seja mais capaz que a mulher. Apesar disso, são muitas as profissionais que destacam que as esferas de poder continuam sendo dominadas pelos homens. Isso fica refletido no discurso da seguinte pessoa:

Sim é verdade que logo você vai a reuniões com altos cargos e são todos homens, aqui não existe nenhuma mulher, sabe?; que isso continua acontecendo em meu mundo da odontologia, você vai a um congresso e os catedráticos são homens, os que estão movendo tudo são homens, mas eu acho que irá mudando [...] (Esther).

As várias professoras entrevistadas acreditam que é apenas uma questão de tempo, para que o domínio do homem sobre a mulher acabe e, aos poucos, ocorra à ascensão da mulher a cargos mais altos dentro da hierarquia universitária. A explicação é a de que, nesse momento, existem mais mulheres que homens em estudos universitários da área de Ciências da Saúde:

Que eles estão, durante muitíssimos anos estiveram, claro, e se agora vamos subindo, bom, não sei, em Medicina entram muito mais alunas que alunos, dentro de uns anos, espero que publiquem mais. Não acho que continuem com os cargos de poder (Sonia).

Na sociedade existem divisões de classes, divisões por sexo, e no caso da universidade divisões de poder que geram desigualdade. Há pessoas que têm acesso a certos cargos mais facilmente que outras. Conforme a seguinte entrevistada afirma: não se pode chegar a um determinado cargo de gestão e direção que lhe deram, se você não gera confiança na pessoa que oferece:

Eu nunca poderei ser secretária de departamento enquanto o doutor Eduardo não sair do cargo de diretor de departamento. E por que, porque é um cargo de confiança. Como é o de vice-decano, como é, você precisa entrar no contexto hierárquico da universidade (Juana).

Aparece também a consciência de que a mulher tem que trabalhar mais que o homem para ser reconhecida. Mesmo assim, surge também a sensação de que os homens se apoiam mais entre eles. Para os homens é indiferente que seja outro homem que ascenda, enquanto que a mulher prefere que seja um homem que ascenda profissionalmente. A explicação dada por uma das entrevistadas é puramente de gênero. O homem fica bem como catedrático, porque tem que sustentar sua família, enquanto que a mulher fica perfeita como titular, porque pode fazer suas tarefas domésticas:

Apoio em nível dos, dos catedráticos, os catedráticos preferem que, fulaninho, sendo um tio, seja antes catedrático, que uma tia. Com igualdade de currículo. Sempre dão preferência ao homem. Porque tem que manter a casa, porque têm crianças, pelo que for. Para as mulheres é como, bom, já está, e ademais, sendo mulher, como titular, fica bem, porque assim pode fazer os serviços da casa (Azucena).

Finalmente, quando se pergunta o que se pode fazer para aumentar a produção científica das professoras universitárias, propõem na seguinte ordem de prioridade: Criar creches dentro da universidade, facilitar as coisas no trabalho docente e de pesquisa, facilitar o trabalho como ferramenta em si mesma para produzir mais, aumentar o número de auxiliares para trabalhar nos laboratórios, ter um grupo de bolsistas produtivos, reduzir a jornada de trabalho das mulheres ou torná-la mais flexível para conciliarem a vida pessoal e o cuidado com os filhos, não ter filhos e ter um companheiro amoroso na mesma área de trabalho.

4 DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

É preciso considerar que todas as entrevistadas, menos uma de 30 (trinta) anos de idade, nascem em uma época marcada pelo pós-guerra e pela ditadura militar do General Francisco Franco, em que a educação se restringia a uma classe social elevada. A promoção da educação e cultura, defendida pela Segunda República, tinha perdido forças junto ao pluralismo ideológico, a liberdade religiosa e o respeito à lei igual para todos. O Regime Franquista colocou a igreja em um lugar privilegiado, reconhecendo-a, e inclusive incrementou os direitos que essa instituição havia usufruído tradicionalmente no campo da educação e o controle ideológico e moral da sociedade (SÁNCHEZ, 2003).

O perfil das professoras universitárias na área de Ciências da Saúde é composto por pessoas que cumprem um mesmo padrão. Em geral, mulheres que procedem de algumas classes sociais altas ou médias altas, que se graduaram em faculdades privadas, em que era muito presente a religião católica, e foram apoiadas economicamente por seus pais. Somente, excepcionalmente, algumas bolsas de estudos supriram o papel que, na maioria dos casos, desempenhou a família.

Por outro lado, contar com um marido ou parceiro estável no mesmo âmbito acadêmico, e pertencente ao mesmo departamento parece ser decisivo para marcar

a diferença entre as professoras mais produtivas e as menos produtivas. Nenhuma das professoras universitárias, com menos de 10 (dez) artigos, conta com um apoio afetivo, com o qual tenha compartilhado a mesma linha de pesquisa durante um longo período de tempo.

Também se deve considerar a variante de gênero. Sete das mulheres mais produtivas formaram uma equipe de pesquisa com um homem (seu marido ou parceiro estável) e bolsistas que coordenam. Portanto, não se trata de grupos de trabalho coordenados exclusivamente por uma mulher. Isso, somado a pequena presença em cargos de poder, gestão e direção (UNIVERSIDAT..., 2007), explica, ainda, porque a mulher aparece como autora em menos artigos de pesquisa que o homem (ALONSO *et al.* 2008).

Não obstante, um bom início de pesquisa é um fator que se relaciona com a alta produtividade. O indicador é que as professoras que agora produzem mais são as que no momento de publicação da tese de doutorado contavam com um número maior de artigos científicos.

A principal dificuldade para publicar, segundo as entrevistadas, é o mau ambiente laboral. São muitas as que admitem trabalhar ou ter trabalhado em um contexto ruim, e algumas reconhecem, explicitamente, que esta situação nociva impacta na produtividade. Se várias entrevistadas comentam a estrutura hierárquica pela qual tiveram que passar, no início da carreira, agora a tendência parece que é usufruir as consequências de uma dura competitividade na qual vale tudo.

Os outros motivos que foram expostos como obstáculos à produção científica foram: a dificuldade para obter projetos de pesquisa e poder publicar em certas áreas de conhecimento, ter que conciliar as tarefas docentes com a pesquisa ou com a assistência hospitalar e, por último, com a maternidade e a dedicação aos filhos. É preciso destacar que as professoras mais produtivas são as que contam com equipes de pesquisa mais fortes e as que têm a possibilidade de desenvolver mais projetos de pesquisa. Todas elas, sobretudo as mais produtivas, cumprem um horário de trabalho intenso. No entanto, tem sido mais fácil a estas conciliar a vida pessoal com a laboral, porque recebem ajuda externa ou de suas famílias para levar a cabo as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos. Apesar de tudo, muitas delas dizem experimentar um sentimento de culpa, ao não poderem realizar as duas

tarefas mais importantes de suas vidas ao mesmo tempo, ou seja, o cuidado com os filhos e o desempenho da profissão. É por isso que indicam a criação de creches dentro da universidade como a principal medida para favorecer a atividade científica.

REFERÊNCIAS

ALONSO-ARROYO, A. *et al.* Análisis de género de los trabajos publicados en la revista Actas Españolas de Psiquiatría (1999-2006). **Actas Españolas de Psiquiatría**, v.36, n.6, p.314-322, 2008.

ÁLVAREZ-RICART, C. **La mujer como profesional de la medicina en el siglo XIX**. Barcelona: Anthropos, 1988.

ARRANZ-LOZANO, F. Hombres y mujeres en el profesorado: Un análisis de género. In: GARCÍA DE LEÓN, M. A.; GARCÍA DE CORTÁZAR, M. (Eds.). **Las académicas: profesorado universitario y género**. Madrid: Instituto de la Mujer, 2001. p.337-404

ARRANZ-LOZANO, F. Las mujeres y la universidad española: estructuras de dominación y disposiciones feminizadas en el profesorado universitario. **Política y Sociedad**, v.41, n.2, p.223-242, 2004.

BALLARÍN, P.; GALLEGO, M. T.; MARTÍNEZ, I. **Los estudios de las mujeres en las universidades españolas - 1975-1991**: Libro blanco. Madrid: Instituto de la Mujer, 1995.

BLASCO, T.; OTERO, L. Técnicas conversacionales para la recogida de datos en investigación cualitativa: La entrevista (II). **Nure Investigación**, n.34, p.1-6, 2008.

BORDONS, M. *et al.* One step further in the production of bibliometric indicators at the micro level: Differences by gender and professional category of scientists. **Scientometrics**, n.57, p.159-173, 2003.

ETAN. Science policies in the European Union. **Promoting excellence through mainstreaming gender equality**: Report. Brussels: European Commission, 2000. 157p. (ETAN Expert Working Group on Women and Science) Disponível em: <ftp://ftp.cordis.europa.eu/pub/improving/docs/g_wo_etan_en_200101.pdf>. Acesso em: 26 Oct. 2012.

FLECHA-GARCÍA, C. **Género y ciencia**: A propósito de los «Estudios de la mujer» en las universidades. **Educación XXI**, n.2, p.223-244, 1999.

FUNDACIÓN ESPAÑOLA PARA LA CIENCIA Y LA TECNOLOGÍA. **Mujer y Ciencia**: La situación de las mujeres investigadoras en el sistema español de ciencia y tecnología. Madrid: Fundación Española para la Ciencia y la Tecnología, 2005.

GARCÍA DE LEÓN, M. A. Las científicas sociales en España: Una investigación-acción. Instituto de la Mujer, 2007. Disponible em:

<<http://www.igualdad.us.es/pdf/Las%20cient%20C3%ADficas%20sociales.pdf>>.

Acesso em: 26 Oct. 2012.

GARCÍA-FERRANDO, M.; IBÁÑEZ, J.; ALVIRA, F. **El análisis de la realidad social: Métodos y técnicas de investigación**. Madrid: Alianza, 2000.

GONZÁLEZ-ALCAIDE, G. *et al.* Análisis de género de la producción científica española sobre drogodependencias en biomedicina: 1999-2004. **Adicciones**, v.19, n.1, p.45-50, 2007.

GUIL-BOZAL, A. Mujeres, universidad y cambio social: Tejiendo redes. In: JORNADAS DE SOCIOLOGÍA, 1., 15-16 junio, 2005. **Anales...** Sevilla: Centro de Estudios Andaluces, 2005.

IZQUIERDO-BENITO, M. J. **Cuidado y provisión**: El sesgo de género en las prácticas universitarias y su impacto en la función socializadora de la universidad. Instituto de la Mujer, 2008. Disponible em:

<<http://www.igualdad.us.es/pdf/cuidado%20y%20provisi%C3%B3n.pdf>>. Acesso em: 26 Oct. 2012.

MAULEÓN, E.; BORDONS, M. Productivity, impact and publication habits by gender in the area of Materials Science. **Scientometrics**, n.66, p.199-218, 2006.

ORTIZ-GÓMEZ, T.; BIRRIEL-SALCEDO, J.; MARÍN-PARRA, V. **Universidad y feminismo en España (I)**. Bibliografía de Estudios de las Mujeres (1992-1996). Granada, Universidad de Granada, 1998.

ORTIZ-GÓMEZ, T.; BIRRIEL-SALCEDO, J.; MARÍN-PARRA, V. **Universidad y feminismo en España (II)**. Situación de los Estudios de las Mujeres en los años 90. Granada, Universidad de Granada, 2000.

ORTIZ-GÓMEZ, T. **Medicina, historia y género**: 130 años de investigación feminista. Oviedo: KRK, 2006a.

ORTIZ-GÓMEZ, T. (2006b). Las mujeres en las profesiones sanitarias. In: MORANT, I. (Dir.). **Historia de las mujeres en España y en América Latina**. Madrid: Cátedra, 2006b. p.523-546

PÉREZ-SEDEÑO, E.; ALCALÁ, P. La Ley de la Ciencia veinte años después: ¿dónde estaban las mujeres?. **Revista de Investigación en Gestión de la Innovación y Tecnología**, n.46, 2006. Disponible em:

<<http://www.madrimasd.org/revista/revistaespecial1/articulos/perezalcala.asp>>.

Acesso em: 26 Oct. 2012.

PUJADAS-MUÑOZ, J. J. **El método biográfico**: El uso de las historias de vida en ciencias sociales. Madrid: Cuadernos Metodológicos; Centro de Investigaciones Sociológicas, 2002.

QUINTANILLA-FISAC, M. A. Mujer y Ciencia: Políticas de igualdad y excelencia académica. **Arbor**, v.184, n.733, p.791-793, 2008.

SÁNCHEZ-RECIO, G. Pasado y memoria. **Revista de Historia Contemporánea**, n.2, 2003.

SANTAMARÍA, C. Las mujeres españolas ante el conocimiento científico y tecnológico. In: PÉREZ-SEDEÑO, E. (Ed.). **Las mujeres en el sistema de ciencia y tecnología**: Estudios de caso. Madrid: Organización de Estados para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI), 2001. p.41-60

UNIDAD DE MUJERES Y CIENCIA. **Académicas en cifras 2007**. Madrid: Ministerio de Educación, Ciencia y la Cultura (OEI), 2007. p.41-60

UNIVERSITAT DE VALÈNCIA **La Universitat de València desde la perspectiva de gènere**: 2003-2007. Valencia: Servei d'Anàlisi i Planificació (SAP), 2007.

VALLS-LLOBET, C. Desigualdades de género en salud pública. In: JORNADAS DE LA RED DE MÉDICAS Y PROFESIONALES DE LA SALUD, 1. 2001. **Anales...** Madrid: Instituto de la Mujer, 2001. p.15-22

NOTAS

¹ As áreas de Administração, Educação e Serviço Social constituem a fonte principal de emprego para as mulheres.

² De forma mais concreta, 64,7% das entrevistadas opinaram que uma mulher possui mais obstáculos que um homem.

Adolfo Alonso Arroyo
Universitat de València
Departament d'Història de la Ciència i Documentació
Facultat de Medicina i Odontologia
Avenida Blasco Ibáñez, 15
46010 – València
E-Mail: adolfo.alonso@uv.es
Espanha



Esperanza Gómez-Guardeño
Universitat de València
Facultat de Ciències Socials
Departament de Sociologia i Antropologia Social
E-Mail: esperanza.gomez@uv.es
Espanha

María Eugenia González-Sanjuán
Universitat de València
Facultat de Ciències Socials
Departament de Sociologia i Antropologia Social
E-Mail: M.Eugenia.Bayona@uv.es
Espanha

Rafaél Aleixandre-Benavent
Unidad de Información e Investigación Social y Sanitaria (UISYS)
CSIC - Universitat de València
E-Mail: Rafael.Aleixandre@uv.es
Espanha